

Tabu e repressão: A sexualidade Feminina sob a ótica de Gabriela Masson, em Garota Siririca

Thaís da Silva Tenório¹

RESUMO:

Este artigo aborda a sexualidade feminina. A pesquisa tomou como matéria prima a história em quadrinho Garota Siririca, da cartunista Gabriela Masson (2015). No tratamento dos dados foi adotada a metodologia da análise textual, tal como formulada Irandé Antunes (2010). Foram utilizados os conceitos de repressão, sororidade, patriarcalismo formulados respectivamente por Wihlem Reich (1982), Marcela Lagarte De Los Rios e Sylvia Walby (1996). A abordagem efetuada mostrou que Garota Siririca é uma expressão é uma denúncia da repressão patriarcal ao gozo feminino, uma denúncia da imposição da virgindade feminina e uma apologia ao sexo solitário da mulher. Os resultados obtidos, levaram-nos a concluir que a obra, além da dimensão artística, é uma peça militante a serviço das lutas feministas esposadas pela autora.

PALAVRAS-CHAVE:

Feminismo, Garota Siririca, Gabriela Masson, História em Quadrinho.

Taboo and repression: Women's sexuality from the perspective of Gabriela Masson in Garota Siririca

ABSTRACT:

This article is addresses about female sexuality. The research took as raw-material the comic book story Garota Siririca, from the cartoonist Gabriela Masson (2015). For the data treatment the methodology adopted was textual analyses, as formulated by Irandé Antunes (2010). Were used concepts of repression, sorority, patriarchy, formulated respectively by Wihlem Reich (1982), Marcela Lagarte De Los Rios e Sylvia Walby (1996). The realized approach showed that Garota Siririca is an expression a complaint to patriarchy repression to the female pleasure, a protest to the female virginity imposition and an apologia to solitary sex of women. The obtained results, led us to conclude that this literary work, beyond the artistic dimension, is a militant part in the service of lesbo-feminism struggles espoused by the authoress.

KEYWORDS: Feminism, Garota Siririca, Gabriela Masson, Comic Book.

Artigo recebido em 07/02/2016 e aceito em 14/03/2016.

TABU E REPRESSÃO: A SEXUALIDADE FEMININA SOB A ÓTICA DE GABRIELA MASSON, EM GAROTA SIRIRICA

THAÍS DA SILVA TENÓRIO

A **Garota Siririca (GS)**, aborda temas que ainda são tabus, na sociedade patriarcal, como também no mercado dos quadrinhos. As personagens da história são totalmente fora dos padrões. Siririca, Xoxola e Xena são gordas, lésbicas e donas de seu próprio prazer.

De um lado, a obra focaliza temas como: a repressão da sexualidade^{II} feminina pela família, igreja e escola, a valorização patriarcal da virgindade^{III} feminina, e a tabuização do orgasmo feminino. Por outro lado, veicula valores como a sororidade e símbolos feministas, tais como o Labrys^{IV} e outros elementos.

AUTORA

Oriunda de uma família tradicional de Minas Gerais, Gabriela Teixeira Masson, tem 25 anos e cursa licenciatura em Artes Plásticas na Universidade Federal de Brasília (UnB). Desde de 2013 vem de dedicando a produção artística. Neste mesmo ano, publicou as zines *A Ética do Tesão na Pós-Modernidade* volume 1 e 2, *Artemis* 1 e 2, entre outras e entre 2013 e 2014 integrou o projeto de webcomics *Batata Frita Murcha*, promovidos por os estudantes de artes plásticas Heron Prado, Augusto Botelho, Daniel Lopes e a própria autora, Gabriela Masson.

Masson vem de uma família cristã, nesta uma parte é católica e a outra evangélica. Segundo ela, sua relação com a religião variou bastante ao longo dos anos. “Enquanto criança acompanhava minha avó à igreja batista, mas na pré-adolescência passei a não me sentir confortável”. Nas palavras da própria autora “Hoje eu me considero uma "bruxa não praticante”.

Segundo a autora, seus talentos para o desenho se manifestaram logo na infância. Todavia, começou a desenhar quadrinhos aos 23 anos. Foi motivada por grande parte de seus amigos e amigas que também faziam zines e quadrinhos naquele momento. Com o sucesso obtido por seus primeiros trabalhos, Masson viu-se obrigada a se aperfeiçoar, dando características pessoais a seus desenhos.

Em suas obras, Gabriela Masson assina como Lovelove6. Conforme ela, há um tempo atrás ela estava fazendo downloads na internet e apareceu uma janela com propagandas, que segundo a autora eram bastante suspeitas e questionáveis, que dizia "Lovelove6 quer tc com vc". Ela gostou e passou a utilizar esse pseudônimo na internet e em seus trabalhos.

Gabriela Masson foi influenciada por roteiristas e cartunistas brasileiros, tais como Lucas Gehre (1981), Tais Koshino (1992), Sirlanney (1988), Julia Balthazar (1984), Puiupu (1997). E também pelos artistas estrangeiros Sam Alden, Blaise Larmee (1985), Jesse Moynihan (1978). O Espelho de Mogli^V, segundo a autora tem sido sua grande fonte de inspiração e aprendizado.

A visão feminista de Masson é presente em GS é produto de algumas influências políticas filosóficas. Dentre os autores que ajudaram ela a compor o quadrinho estão: Paul Preciado, Andre Dworkin, Adrienne Rich, Inga Muscio, Diana Rusell.

SOBRE A OBRA

TABU E REPRESSÃO: A SEXUALIDADE FEMININA SOB A ÓTICA DE GABRIELA MASSON, EM GAROTA SIRIRICA

THAÍS DA SILVA TENÓRIO

Garota Siririca foi inicialmente publicada em episódios semanais no blog da revista SAMBA (<http://revistasamba.blogspot.com.br/>), entre 12 de julho de 2013 e 9 de abril de 2015. O total abrangia 83 episódios. Anteriormente, os dois primeiros foram também publicados no periódico digital coletivo, Zine (junho de 2013).

A ideia de fazer um quadrinho adotando uma perspectiva feminista, segundo a autora, nasceu após ela vivenciar algumas situações engraçadas que aconteceram com ela após uma “maratona de siririca (masturbação feminina). Além disso, a autora percebeu o silêncio e a falta de informação em torno do assunto (masturbação feminina). Sobre as origens da história, esclarece a autora: “No começo eu usava muito a minha própria experiência e identidade para elaborar as personagens e seus dramas, hoje tenho procurado me inspirar mais nos perfis de mulheres reais e feministas que admiro^{VI}”.

Conforme a autora, a primeira parte da *Garota Siririca*, de 2013 a 2015, representou um processo de amadurecimento pessoal e artístico, no qual ela precisou aprimorar sua arte de desenhar e escrever.

Até 2015 Masson não recebia nenhuma remuneração por sua obra. A partir dessa data, com o lançamento de **Garota Siririca** através do coletivo Cartase, ela passou a obter algum retorno financeiro. Com ele, a autora passou a investir em materiais tanto para as próximas publicações da GS, quanto para projetos futuros.

BREVE RESUMO DA OBRA

A HQ *Garota Siririca* narra as aventuras da sua protagonista, Siririca, desde a sua infância até a idade adulta. A história começa ainda com ela pequena, quando descobre os prazeres da masturbação e enfrenta a reação da mãe e demais familiares. Em seguida, focaliza a heroína na escola, onde ela sofre o sexíssimo masculino reinante e descobre a hipocrisia dos adultos com relação ao sexo. Posteriormente, mostra o conflito da protagonista com a instituição religiosa.

A história prossegue com Siririca adulta. Nesta parte é narrado alguns episódios de suas aventuras sexuais. Por exemplo: uma maratona masturbatoria, o uso da masturbação com o sem aparelhos e a experimentação da maconha. As aventuras tem continuidade com Siririca conversando com sua amiga Xoxola e tatuando em sua virilha a palavra perseguida.

Outros episódios focalizam o auto desvirginamento da protagonista e a sua conversa com as amigas Xena e Xoxola sobre a opressão sexual feminina. A narrativa tem continuidade com a protagonista em uma aventura homossexual com sua amiga Xena. Logo após, a GS rompe com sua amiga Xoxola e volta ao isolamento fazendo novas maratonas de masturbação. Depois disso, reata a relação com Xoxola e começa a trabalhar no sexshop da amiga.

OS AGENTES DA REPRESSÃO A SEXUALIDADE FEMININA

TABU E REPRESSÃO: A SEXUALIDADE FEMININA SOB A ÓTICA DE GABRIELA MASSON, EM GAROTA SIRIRICA

THAÍS DA SILVA TENÓRIO

A repressão à sexualidade feminina é um tema recorrente na Garota Siririca. Ele é retratado praticamente durante todos os episódios. Mas, sempre sob óticas distintas. Logo nos primeiros episódios, a protagonista ainda em sua pré-adolescência, vivência a repressão sexual, através da família, da escola e posteriormente da religião.

Conforme o psicanalista Wilhelm Reich^{VII}, mais especificamente na infância, nos primeiros anos de vida na família autoritária, que se inicia a repressão da sexualidade natural da criança. A igreja, segundo o autor, continua essa função quando o indivíduo se torna adulto.

Vejamos como estes agentes atuam:

A família

Logo no primeiro quadrinho da série, a protagonista sofre a primeira repressão sexual. Ela advém da principal instituição formadora, pelo menos nos primeiros anos da criança: a família. O quadrinho inicia quando a Siririca é garotinha ainda, e descobre que tem algo muito interessante entre as pernas. A menina então começa a se tocar, explorando aquela parte nova de seu corpo que estava sendo desvendada. Entretanto, ao ver aquela ação, sua mãe a reprime veementemente: “Tire a mão da periquita menina!”.

Tal traço torna-se compreensível invocando Wilhelm Reich em *Psicologia das Massas do Fascismo* (1972). Nessa obra o autor defende que a repressão da sexualidade infantil tem como finalidade “a criação do indivíduo submisso que se adapta à ordem autoritária^{VIII}”.

Assim, a inibição da sexualidade na infância segundo Reich, resultará numa criança obediente e num adulto dócil, treinado e condicionado as repressões impostas pelo Estado. Levando assim a paralisação de qualquer impulso que saia dos padrões da moralidade dominante, pois, qualquer ação que contrarie os moldes impostos é logo associada ao medo.

Os escritos de Reich elucidam apropriadamente o fato retratado no quadrinho. Na obra a protagonista tem seu primeiro impulso sexual reprimido pela mãe. No dizer de Reich, a mãe representa o Estado que oprime e molda os indivíduos.

A escola

A repressão sexual através da escola fica evidente logo no segundo episódio da GS. O episódio se passa na escola, retratada pela narradora como um ambiente onde somente o pênis tem vez.

No ambiente de uma aula, os meninos desenham no quadro de giz diversos “caralinhos”. Insatisfeita com isso, a protagonista faz vários desenhos de vaginas, denominando-as com nomes populares tais como: “xaninha, pepeca, xibiu” etc. Os meninos, ao verem os desenhos da GS, mostram ao professor.

TABU E REPRESSÃO: A SEXUALIDADE FEMININA SOB A ÓTICA DE GABRIELA MASSON, EM GAROTA SIRIRICA

THAÍS DA SILVA TENÓRIO

O mestre vendo a produção da garota reage negativamente desaprovando o feito da menina. Imediatamente repreende a Garota Siririca, e a leva para a coordenação. Lá as diretoras chamam os pais e sugerem que a garota seja levada ao catecismo.

Noutro episódio, a protagonista faz uma dura crítica à hipocrisia dos professores e diretores da escola. Assim, ela mostra uma cena na qual eles se masturbam apreciando os desenhos feitos por ela. A narradora mostra o quão contraditório é o discurso e a prática da repressão, principalmente por aqueles que o proferem. Entretanto, apesar da repressão, a protagonista afirma que ela teve um efeito contrário: serviu apenas para deixá-la mais curiosa, tanto quanto ao sexo com outras pessoas quanto o sexo consigo mesma, a masturbação.

Segundo Julio Groppo Aquino (1997), um estudioso da educação sexual, no que tange a sexualidade, a escola adota uma postura próxima a *scientia sexualis*^{IX}. O conhecimento passado às crianças a respeito da sexualidade se apoia na fisiologia do aparelho genital, explicando tudo, menos o prazer do exercício da corporeidade.

Conforme Groppo, a escola é um eficaz dispositivo de disciplinador dos corpos. É no ambiente escolar que a sexualidade encontra seus primeiros momentos de desenvolvimento fora da família, os primeiros contatos sociais e sexuais não parentais dos sujeitos são permeados, então, pela repressão desta sexualidade.

A religião Católica

O episódio dos desenhos pornográficos da Siririca leva-nos diretamente a repressão da sexualidade feminina pela religião.

Ao decorrer da história, a narradora retrata seu confronto entre a sua sexualidade e o catolicismo. O fato é retratado na última cena do episódio. Nele, Siririca aparece numa aula de catequese sendo bombardeada por noções como “pecado”, “imoral”, “sujo”, “vício”, “problema”, “pornografia^X”.

O discurso religioso impôs a cultura ocidental uma visão negativa do corpo. A doutrina cristã, ao reforçar a dualidade entre corpo e alma, separou estes dois conceitos e acentuou uma visão negativa sobre o corpo e conseqüentemente, sobre os prazeres dele advindos.

OS FOCOS DA REPRESSÃO

A valorização patriarcal da virgindade feminina

Outro tema presente no quadrinho é a valorização da virgindade feminina. Tudo começa quando a Siririca conta para suas amigas que ela se auto desvirginou em uma masturbação. A partir daí as amigas conversam sobre como a virgindade é supervalorizada em nossa sociedade.

No decorrer da conversa, Xena conta que também se auto desvirginou. O fato levou-a ao seu primeiro parceiro sexual acusa-la de ser *puta*.

TABU E REPRESSÃO: A SEXUALIDADE FEMININA SOB A ÓTICA DE GABRIELA MASSON, EM GAROTA SIRIRICA

THAÍS DA SILVA TENÓRIO

Diz ela:

Mas meu primeiro namorado me aterrorizou por isso. Como eu não sangrei quando transamos, ele me acusava de mentir sobre ser virgem. Ele dizia que ia contar pra todo mundo que eu na verdade era uma puta. Eu só tinha 13 anos^{XI}.

Xoxola, por sua vez, conclui: “Hímen – o selo de garantia da mulher objeto”.

O fenômeno retratado na *Garota Siririca* não é mera ficção. Ainda hoje diversas garotas que, por algum motivo, não sangram na primeira relação sexual enfrentam situações vexatórias com seus parceiros acusando-as de que aquela não seria sua primeira relação sexual.

A crença de que a virgindade é o bem mais precioso da mulher tem uma longa história no âmbito da civilização ocidental. Faz parte do chamado duplo padrão moral. Conforme esse padrão a mulher deve se conservar sem atividade sexual até o casamento, enquanto o jovem rapaz deve começar a sua vida sexual logo no começo da puberdade.

Segundo a autora Jimena Furlani, em seu livro *‘Mitos e tabus da sexualidade humana’* (2009), o tabu da virgindade foi e ainda pode ser considerado como uma das mais terríveis formas de dominação da mulher. A grande influência da religião judaico-cristã sob os costumes e crenças, deixa evidente que a origem e a manutenção desses dogmas quanto a sexualidade, principalmente a feminina, apresentam inseparáveis relações com os dogmas do cristianismo^{XII}.

Complementando Furlani, o autor Luis Mott, em seu livro *‘O sexo proibido – virgens, gays e escravos nas garras da inquisição’*, argumenta que um dos pilares da valorização da castidade é crença na Virgindade da Virgem Maria^{XIII}. A concepção de que Maria foi virgem antes, durante e depois do parto é um dogma fundamental do catolicismo, na qual se baseou e se mantém a moral sexual na sociedade ocidental. “A Virgem Maria é a inspiração e quem alimenta a cruel himenolatria dominante em nossa sociedade ao mesmo tempo machista e misógina^{XIV}”.

Sob essa ótica, a Igreja Católica teria um papel importante na manutenção da valorização da virgindade feminina. A partir disto, entendemos que a manutenção deste dogma cristão é uma condição imprescindível para manter a moral sexual no ocidente, como também para tornar legítima a violência e a dominação machista, responsáveis pela coerção sobre os direitos da mulher numa sociedade patriarcal. Da mesma forma que molda comportamentos e reprime toda e qualquer forma de experiência sexual que não resulte à procriação.

Não sendo apenas um tabu imposto socialmente pela igreja, a virgindade também se constitui em um mito. Tal mito se apóia na idéia básica de que a virgindade está diretamente atrelada à virtude. A mulher casta é virtuosa, com qualidades morais e pureza de alma.

Para esta sociedade repressora, a virtude é uma condição apenas da mulher que é deflorada no casamento, constituindo-se assim em uma mulher de respeito.

TABU E REPRESSÃO: A SEXUALIDADE FEMININA SOB A ÓTICA DE GABRIELA MASSON, EM GAROTA SIRIRICA

THAÍS DA SILVA TENÓRIO

Identificamos nesse discurso que o destino irremediável da mulher que deseja ter uma vida sexual ativa: o casamento. Após o sacramento do matrimônio, esta estaria entregue as mãos de seu marido, seu senhor. Aquele que terá em suas mãos o poder sobre seu corpo.

Aquela que não obedecer aos padrões sexuais impostos, será taxada como *perdida*, sem valor. Uma mercadoria com defeito. Trata-se de um pensamento ultrapassado, que persiste, e é representando no quadrinho.

No entender de Roberto Wüsthof, a ideia de que a perda da virgindade transforma a mulher num objeto de consumo que perdeu seu valor, tendo que ser vendida de ‘segunda mão’, deve ser extinta. “A constatação de que o ganha em consideração ao ter uma relação sexual, enquanto a garota vira uma ‘pecaminosa’, representa um desafio a qualquer princípio de lógica^{XV}”.

É preciso desmistificar o tabu da virgindade feminina, e desconstruir a trama preconceituosa, repressora e incoerente que trata os direitos de homens e mulheres através de “dois pesos e duas medidas^{XVI}”. É disto que trata **Garota Siririca**. Ao longo da história, Gabriela Masson narra como se dá a repressão sexual a mulher e seus desmembramentos na sociedade. Na tentativa de derrubar padrões e desmistificar o gozo, a autora quebra paradigmas com personagens que amam seu corpo e exploram suas genitálias.

Ao tratar a questão da virgindade, Masson também nos leva a um outro tema: A masturbação. Como o gozo feminino ainda é um tabu.

A tabuização do gozo feminino

A masturbação feminina é uma espécie *deleitementif* (assunto principal), da Garota Siririca. O próprio título da história já insinua isto. Como se sabe, Siririca é uma designação popular para a masturbação feminina.

No enredo, o tema da masturbação feminina é onipresente. Encontramo-lo facilmente em todos os episódios. Como dito acima, a protagonista é uma adepta a prática do sexo solitário.

Comparece em muitos episódios da GS o tabu^{XVII} do prazer sexual feminino. Como exemplo podemos citar a cena em que a mãe de Siririca descobre que ela é dada ao sexo solitário, quando na escola ela desenha uma vagina, no catecismo quando ela é bombardeada pela associação do prazer feminino ao pecado e a punição.

O fenômeno descrito acima é compreensível à luz de Marilena Chauí (1984). Em *A repressão sexual essa nossa desconhecida*, a autora considera que a repressão sexual exercida pela moral Cristã no decorrer dos séculos promoveu uma associação da sexualidade a sentimentos ligados ao que é sujo, anormal e pecaminoso. No tocante a sexualidade feminina, segundo a autora, tais conceitos ganham ainda mais força, devido à crença bíblica de que a mulher foi a provocadora do pecado original.

TABU E REPRESSÃO: A SEXUALIDADE FEMININA SOB A ÓTICA DE GABRIELA MASSON, EM GAROTA SIRIRICA

THAÍS DA SILVA TENÓRIO

A repressão Cristã a sexualidade, no entender de Marilena Chauí, tem longa história. Destaca-se nesta trajetória a Idade Média, quando a igreja Católica dita as normativas para o sexo. Naquele momento conjuga-se uma sociedade patriarcal com uma religião que propagava em grande medida a misoginia. A igreja transforma o casamento em sacramento, impondo assim que a função do sexo deveria ser exclusivamente reprodutiva e que o mesmo não poderia ser praticado com luxúria.

Outra instituição importante na tabuização do prazer feminino é a medicina. Até o século XVII a medicina desconhecia diferenças anatômicas entre mulheres e homens. O órgão sexual feminino era entendido uma versão mal-acabada do órgão masculino. Por outro lado, a teoria unissexual entendia a estimulação do clitóris como essencial para a reprodução, pois a reprodução segundo aquela visão era consequência da junção dos líquidos femininos e masculinos.

A partir do século XIX, a repressão sexual passa a ser controlada por padrões e normas que baseavam-se na visão médica. Entretanto, é errôneo falar que somente os médicos ditavam os preceitos da repressão. Médicos, padres, pastores e professor esse associam para normatizar as atitudes e comportamentos sexuais. Segundo Loyola para o novo padrão “o erotismo deveria ser regulado pela exigência de reprodução da espécie e dos ideais de amor a Deus e à família^{XVIII}”.

No decorrer daquele século e do seguinte, o conhecimento médico unido à ideologia cristã, instauraram o ideal de maternidade. O fato resulta numa repressão sexual ainda maior sobre as mulheres: a masturbação feminina passou a ser entendida como um mal responsável pela histeria e outras perturbações. O orgasmo e a masturbação foram associados a doenças nervosas, prostituição e imoralidade.

Tal quadro segundo Xavier Filha (2003), muda no final do século XIX e início do XX, com a emergência de uma nova ciência, a sexologia^{XIX}. Com os estudos de Kinsey, Masters e Johnson, Ellis e Kaplan há uma reviravolta nas discussões sobre sexo e técnicas sexuais, anatomia genital e formas de prazer feminino. É neste horizonte pós-sexologia que se enquadra a ideologia presente na obra aqui examinada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos a HQ Garota Siririca, compreendemos que se trata de uma denúncia à repressão patriarcal ao gozo feminino. Denuncia esta que este presente por toda a obra. A partir da obra e a luz de estudiosos, compreendemos como se estabelece o tabu da virgindade feminina e, de que maneira tal estigma deu embasamento para a repressão à sexualidade da mulher. A autora não faz somente uma apologia ao sexo solitário da, como também procura desmistificar o gozo feminino.

NOTAS:

^I Graduada em História pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: thtenorio@outlook.com

^{II} A partir da psicanálise, entendemos a sexualidade não apenas como a relação amorosa entre casais ou o ato sexual em si, e sim como a base de todo o conjunto de relações que constituem o sujeito.

^{III} A virgindade aparece na HQ como um tabu imposto socialmente, que reduz a mulher a um selo. A cultura da *himenolatria* foi enraizada na sociedade ocidental, principalmente pelo Cristianismo. Tal traço,

TABU E REPRESSÃO: A SEXUALIDADE FEMININA SOB A ÓTICA DE GABRIELA MASSON, EM GAROTA SIRIRICA

THAÍS DA SILVA TENÓRIO

torna-se compreensível a luz de Johannes Bauer, na obra *Dicionário Bíblico-Teológico* (2004). Na obra autor afirma que a virgindade é estimada no sentido de preservação da menina antes do casamento, também como elemento de pureza ritual. A perda da virgindade significa para a moça a diminuição de seu valor para o casamento. (BAUER, 2004, p.445)

^{IV} Labrys em grego significa dupla lâmina, machado de duas laminas. Este, era uma arma usada pelas Amazonas- guerreiras antigas que se isolavam dos homens, repudiando sua presença na comunidade. Descobertas arqueologias atestaram que estas mulheres eram enterradas com suas armas, o Labrys entre elas, reafirmado a importância que o símbolo tem para as mulheres em geral, sendo costumeiramente usado por grupos feministas. “O Labrys é ainda hoje um símbolo maior de afirmação do feminino”. (NAVARRO-SWAN, 1994).

^V *Le miroir de Mowgli*, é uma obra de Olivier Schrauwen, na qual o autor emprega espelhos deformados para refletir o papel do Homem no mundo. O livro é um remake de uma outra obra do mesmo autor lançada em 2011, que participou do Festival BD de Angoulême.

^{VI} (MASSON, 2016).

^{VII} (REICH, 1982)

^{VIII} (REICH, 1972, p. 28,).

^{IX} Para Foucault "Scientia sexualis" é totalmente oposto ao que certas civilizações (China, Índia, etc) atribuem à sexualidade. Esta por sua vez, definida como mistério e assunto passível de um processo de iniciação e aprendizado. (FOUCAULT, 1988)

^X O termo “pornografia” foi utilizado pela primeira vez em 1769, em um tratado intitulado *Le Pornographe*, a respeito de textos sobre prostituição. Entre 1830 e 1840, surgem os termos *pornographique* e *pornographie*, fazendo referência a imagens ou textos que eram considerados como obscenos. Findlen (1999, p. 54) considera que “a pornografia surgiu dos livros e das coleções de imagens que representavam a vida das prostitutas, um gênero fundado por Luciano, em Dialogues of the Courtesans (Diálogo das Cortesãs).

^{XI} (MASSON, 2015).

^{XII} (FURLANI, 2009, p.144)

^{XIII} Na edição revisada de *Catecismo da Igreja Católica*, publicado em 1998, a Igreja Católica Romana, apresenta a Virgem Maria como *Aeiparthenos*, ou seja “sempre virgem”. Segundo o catecismo, a virgindade de Maria, mesmo após o nascimento de Jesus, é uma crença que deve ser seguida por todos os católicos.

^{XIV} (MOTT, 1988, p.15).

^{XV} (WÜSTHOF, 1994, p.510).

^{XVI} (FURLANI, 2009, p.148).

^{XVII} Invocando Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, na obra *Dicionário de símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)* (1993), entendemos como tabu a condição dos objetos, ações ou pessoas isoladas ou proibidas, devido ao perigo de seu contato.

^{XVIII} (LOYOLA, 1999, p. 32-33).

^{XIX} O conceito de sexologia usado baseia-se no de Elisabeth Roudinesco e Michel Plon, na obra *Dicionário de Psicanálise* (1998). A luz desse autores, entendemos por sexologia uma “disciplina ligada à biologia, que toma por objeto de estudo a atividade sexual humana com um objetivo descritivo e terapêutico” ROUDINESCO;PLOM, 1998, p.700)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDO, Carmita H. N. História da sexologia. Revista Psique especial: ciência & vida. n 09. ano III. 2008.

ANTUNES, Irandé. Análise de Textos: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BAUER, Johannes B. Dicionário Bíblico-Teológico. São Paulo, Edições Loyola, 2 ed., 2004.

TABU E REPRESSÃO: A SEXUALIDADE FEMININA SOB A ÓTICA DE GABRIELA MASSON, EM GAROTA SIRIRICA

THAÍS DA SILVA TENÓRIO

CABRAL, Juçara Teresinha. A sexualidade no mundo ocidental. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995.

Catecismo\ da Igreja Católica, ed. rev. (Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998), 140.

CHAUÍ, Marilena. Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, cores, números). 7.ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1993.

FOUCAULT, Michel. A história da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FURLANI, Jimena. Mitos e Tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual. Belo Horizonte, Autêntica, 3ed., 2009.

LAGARDE DE LOS RIOS, Marcela. El feminismo em mi vida: hitos, claves y tópias. 2012. Livro eletrônico. Disponível em: <www.inmujeres.df.gob.mx>. Acesso em 15/04/2016.

LOYOLA, M. A. (org.) A sexualidade nas ciências humanas. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1999

NAVARRO-SWAIN, Tânia. 1994. Caminhos da História: identidade ou diferença? Revista Sociedade e Estado. Brasília: UnB, n.1/2, v.IX, p. 159-172, jan/dez

NAVARRO-SWAIN, Tânia. 2012. Quem tem medo de Foucault? Feminismo, Corpo e Sexualidade. Disponível em: <http://tanianavarrowswain.com.br/chapitres/bresil/quem_tem_medo_de_focault.htm> Acesso em 19/04/2016.

OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom. Dicionário do pensamento social do Século XX. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1996

REICH, Wilhelm. A Revolução Sexual. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.

REICH, Wilhelm. Psicologia de Massas do Fascismo. São Paulo, Martins Fontes, 1972.

ROSSI, Cristina Peri. La lengua no es inocente. Disponível em: <<http://www.perirossiarticulos.blogspot.com.br>> Acesso em 15/04/2016

ROUDINESCO, Elisabeth ; PLOM, Michel. Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

WEST, Caroline. Pornography and Censorship. The Stanford Encyclopedia of Philosophy, 2008. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/archives/fall2008/entries/pornographycensorship/>. Acesso em 18/04/2016.